

Redação em Gotas

Edição nº 18

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

DICA: “Caçar e Cassar”. Amores impossíveis. Primeira Parte.

“*Quereis ouvir, senhores, um belo conto de amor e de morte? É de Tristão e Isolda, a rainha. Ouvi como em alegria plena e em grande aflição eles se amaram, depois morreram no mesmo dia, ele por ela e ela por ele*”.¹ São as primeiras palavras da lenda de Tristão e Isolda. No ciclo arturiano, a Dama de Shalott² via o mundo através de um espelho e dos seus teares encantados, meio doente de sombras. Proibia-lhe a maldição de olhar diretamente para Camelot. O amor por Sir Lancelot é a sentença que sobre ela recai – pálido corpo, brancas mãos, vestido alvo como as asas e a castidade. O barco serve-lhe como esquife, acolhendo e abraçando o seu corpo e a sua última canção: “*ela tinha um rosto adorável, Deus em sua misericórdia conceda-lhe a graça, à dama de Shalott*”.³

Dois amores impossíveis. Impossíveis porque proibidos. Acaso realizados, amores e afetos, desejos e volúpia esvanecem-se aos poucos como a luz do dia engolfada pela noite. Isolda é prometida ao rei, desejá-la e consumir a paixão era a marca do adultério, crime sujeito aos julgamentos de Deus: as *ordálias*. A Dama de Shalott, *metade fada e metade tristeza*, tomada pelas sombras, vendo os doirados campos pelas torres e pelas ameias de sua ilha, brilhando no espelho, não vê o amor que se avizinha e, ao vê-lo, o seu encontro final é a morte: o último amante.

Camões amou Dona Catarina de Ataíde. Fidalgo pobre, frustrado no matrimônio desejado – compara o seu romance falido ao de Jacó e Raquel: “*Sete anos de pastor Jacó servia/Labão, pai de Raquel, serrana bela;/Mas não servia ao pai, servia a ela,/ E a ela só por prêmio pretendia*”.⁴ Inconstante coração! No Oriente, ama a doce **Tin Nam Men** e, na história tingida pelos toques carmins da lenda, teve de escolher num naufrágio entre a sua bela amada e o único exemplar de “Os Lusíadas”. Morta a bela, salva a obra – honrou-a com o soneto: “*Alma minha gentil, que te partiste/ tão cedo desta vida descontente,/ repousa lá no Céu eternamente,/ e viva eu cá na terra sempre triste*”.⁵

Os amores de Camões teriam sido verdadeiros? Tanto os amores perdidos quanto o Direito constroem-se com idêntica matéria: versões mutáveis e ilusões defraudadas. Os amores impossíveis e as condutas criminosas tocam a esfera do proibido. Todos nós temos predileção pela transgressão - as beiras e as bordas, as franjas e as sobras daquele não que se quer converter em sim. Não seria a transgressão a própria sombra do Direito, a sua face oculta, a espada que separa os corpos dos amantes e o espelho quebrado?

O mito da caça, o desejo presente nos olhos de Acteon ao ver Ártemis nua, permeia os amores, a busca do conhecimento e o próprio Direito. A perseguição do processo, as demandas em juízo e a liça de combates pelas palavras aludem ao verbo **caçar, isto é, ao ato de apanhar, de agarrar e de andar à caça**.

Tentamos apanhar com as nossas mãos os amores impossíveis, agarramos a justiça e andamos à caça da misericórdia. Tantos nomes e tantas histórias foram quebradas pela memória trôpega: quem há de se lembrar de Abelardo e Heloísa? Dos maviolos poemas escritos por Elizabeth Barrett a Robert Browning na homenagem aos amores de Camões e à língua portuguesa? Daqueles amores apagados nas dedicatórias dos livros escritos no infinito do sentimento? Das primeiras palavras ditas por Romeu e Julieta? Da rosa vermelha desabrochada pelo sacrifício do coração de um rouxinol?⁶

¹BÉDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa; revisão da tradução de Mônica Stahel. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes.

² Alusão ao poema de Lord Alfred Tennyson, *The Lady of Shalott*. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/45360/the-lady-of-shalott-1842>. Acesso em 26 jun. 2021.

³Ibidem. Cf. “*He said, ‘She has a lovely face; God in his mercy lend her grace, The Lady of Shalott’*” (do original de Lord Alfred Tennyson).

⁴ CAMÕES, Luís de. *Sonetos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

⁵Ibidem.

⁶Alusão ao conto de Oscar Wilde, *O Rouxinol e a Rosa*. Cf. WILDE, Oscar. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2007, p. 239-247.